

**KARIN
SLAUGHTER**

GÊNESE

Tradução de
Gustavo Mesquita

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S64g Slaughter, Karin, 1971–
Gênese / Karin Slaughter; tradução de Gustavo Mesquita. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2017.

Tradução de: Undone
ISBN: 978-85-01-11111-1

1. Romance americano. I. Mesquita, Gustavo. II. Título.

17-42300

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original:
UNDONE

Copyright © 2009 by Karin Slaughter

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11111-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Prólogo

Eles estavam completando quarenta anos de casados naquele dia, e Judith ainda tinha a sensação de não saber tudo a respeito do marido. Quarenta anos preparando o jantar de Henry, quarenta anos passando suas camisas, quarenta anos dormindo em sua cama, e ele ainda era um mistério. Talvez por isso continuasse a fazer todas essas coisas por ele com pouca ou nenhuma queixa. Muito podia ser dito a favor de um homem que, depois de quarenta anos, ainda conseguia prender sua atenção.

Judith abaixou o vidro da janela do carro, deixando entrar um pouco do ar frio da primavera. O centro de Atlanta ficava a apenas trinta minutos, mas ali, em Conyers, ainda era possível encontrar áreas sem construções, e, às vezes, algumas pequenas fazendas. Era um lugar tranquilo, e Atlanta ficava a uma distância suficiente para que se pudesse desfrutar de paz. Ainda assim, Judith suspirou ao ver de relance os arranha-céus da cidade no horizonte e pensou, *lar*.

Ficou surpresa com aquele pensamento, por achar que Atlanta agora fosse o lugar que considerava seu lar. Sua vida, até recentemente, havia sido no subúrbio, quase a de alguém do interior. Ela preferia os espaços abertos às calçadas de concreto da cidade, mesmo quando admitia que era bom morar em uma área tão central que era possível caminhar até a loja da esquina ou até um pequeno café quando sentisse vontade.

Os dias se passavam sem que ela sequer precisasse entrar em um carro — o tipo de vida com que nunca sonharia dez anos antes. E

ela sabia que Henry se sentia da mesma forma. Ele tinha a cabeça enterrada nos ombros enquanto dirigia o Buick pela estreita estrada secundária. Depois de décadas percorrendo praticamente todas as rodovias federais e estaduais do país, ele instintivamente conhecia todos os caminhos alternativos, desvios e atalhos.

Judith confiava nele para levá-los para casa em segurança. Ela se recostou no banco, semicerrando os olhos para que as árvores na beira da estrada parecessem uma mata fechada. Fazia a viagem até Conyers ao menos uma vez por semana, e toda vez tinha a impressão de ver algo novo — uma casinha que passara despercebida, uma ponte que eles atravessaram muitas vezes, mas à qual ela nunca dera atenção. A vida era assim. Você não se dá conta do que fica pelo caminho até desacelerar um pouco para ver melhor.

Eles vinham de uma festa, organizada pelo filho em homenagem a eles. Bem, era mais provável que houvesse sido organizada pela esposa de Tom, que administrava sua vida como assistente executiva, empregada, babá, cozinheira e — provavelmente — concubina. Tom havia sido uma surpresa feliz, e seu nascimento, um evento que os médicos disseram ser impossível. Judith amou cada pedacinho dele à primeira vista, aceitara-o como um presente ao qual dedicaria sua vida. Ela fizera tudo por ele, e agora que Tom estava com seus trinta e tantos anos, ainda parecia precisar muito que cuidassem dele. Talvez Judith tivesse sido uma esposa convencional demais, uma mãe subserviente demais, para que o filho tivesse se tornado o tipo de homem que precisa — espera — que a esposa faça tudo por ele.

Judith certamente não se escravizara a Henry. Eles se casaram em 1969, uma época em que as mulheres podiam de fato ter outros interesses além de preparar a refeição perfeita e descobrir o melhor método para tirar manchas do tapete. Desde o começo, Judith estivera determinada a fazer com que sua vida fosse o mais interessante possível. Foi voluntária na escola de Tom. Trabalhou em um abrigo para sem-teto e ajudou a criar um grupo de reciclagem no bairro. Quando Tom ficou mais velho, Judith trabalhou fazendo escrituração para uma empresa local e se juntou a um grupo de corrida da igreja,

treinando para maratonas. Esse estilo de vida ativo estava em flagrante contraste com o de sua própria mãe, uma mulher que no fim da vida encontrava-se tão acabada depois de criar nove filhos, tão esgotada pelas constantes exigências físicas de ser esposa de um fazendeiro, que alguns dias estava deprimida demais até mesmo para falar.

No entanto, Judith precisava admitir que, de certa forma, ela mesma havia sido uma mulher típica daqueles tempos. Era constrangedor, mas foi uma dessas garotas que cursou a faculdade apenas para encontrar um marido. Havia crescido nos arredores de Scranton, Pensilvânia, em uma cidade tão pequena que não merecia um ponto no mapa. Os únicos homens disponíveis eram fazendeiros, e eles raramente estavam interessados em Judith. Ela não podia culpá-los. O espelho não mente. Ela era um pouco cheinha demais, um pouco dentuça demais e um pouco demais em todo o resto para ser o tipo de mulher que um homem de Scranton escolheria como esposa. E havia o pai dela, um sujeito severo e disciplinador que nenhum homem em sã consciência iria querer como sogro, pelo menos não em troca de uma garota dentuça e roliça sem algum talento algum para a vida no campo.

A verdade era que Judith sempre tinha sido a estranha da família, aquela que nunca havia se encaixado. Ela lia demais. Odiava trabalhar na fazenda. Mesmo quando menina, não gostava muito de animais e não queria ser responsável por cuidar deles ou alimentá-los. Nenhum dos seus irmãos ou irmãs fez curso superior. Dois deles largaram a escola no último ano do ensino fundamental, e uma irmã mais velha se casou às pressas e deu à luz o primeiro filho sete meses depois. Não que ninguém tenha se importado em fazer as contas. Envolta em constante estado de negação, sua mãe, no dia em que morreu, disse a ela que o primeiro neto sempre havia sido grande, mesmo quando bebê. Por sorte, o pai de Judith pensou que o mesmo poderia acontecer com a filha do meio. Não haveria um casamento de conveniência com nenhum dos rapazes locais, sobretudo porque nenhum deles a achava remotamente conveniente. A faculdade de teologia, ele decidiu, não era apenas a última chance de Judith, mas a única.

Aos seis anos, Judith estava correndo atrás de um trator quando um pedrisco atingiu seu olho. Desde então, sempre usou óculos. As pessoas presumiam que ela era intelectual por causa deles, quando a verdade era exatamente o oposto. Sim, ela amava ler, mas seu gosto estava mais para romances baratos que alta literatura. Ainda assim, o rótulo de CDF pegara. O que era mesmo que diziam? “Os homens não dão em cima de mulheres que usam óculos.” Então, foi surpreendente — não, talvez chocante seja a palavra — que, na primeira aula do primeiro dia de faculdade, o professor assistente tenha piscado para ela.

Judith achou que ele estivesse com um cisco no olho, mas não houve como confundir as intenções de Henry Coldfield quando, depois da aula, ele a puxou de lado e perguntou se ela gostaria de ir até o centro para tomar um refrigerante. A piscada, ao que parecia, era onde começava e terminava sua sociabilidade. Henry era um homem muito tímido; o que era estranho, considerando que mais tarde se tornaria o principal vendedor de uma distribuidora de bebidas — um emprego que desprezava com todas as forças, mesmo três anos após a aposentadoria.

Judith supunha que a capacidade de socialização Henry vinha do fato de ser filho de um coronel do Exército que se mudou diversas vezes, sem nunca passar mais de alguns poucos anos na mesma base. Não houve amor à primeira vista — isso viria depois. Inicialmente, Judith se sentiu atraída apenas pelo fato de Henry ter se sentido atraído por ela. Era uma novidade para ela, mas Judith sempre esteve no espectro oposto da filosofia de Marx — Groucho, não Karl: estava mais que disposta a se juntar a qualquer clube que a aceitasse como integrante.

Henry era um clube por si só. Não era bonito nem feio; não era ousado nem reticente. Com seu cabelo impecavelmente dividido ao meio e o sotaque neutro, *comum* seria a melhor forma de descrevê-lo, como depois o faria Judith numa carta à irmã mais velha. A resposta de Rosa foi algo na linha de “bem, suponho que isso é o melhor que você pode esperar”. Em sua defesa, Rosa estava grávida

do terceiro filho na época, e o segundo ainda usava fraldas, mas Judith nunca a perdoaria pela desfeita — não a si mesma, mas a Henry. Se Rosa não conseguia perceber o quanto Henry era especial, era porque Judith não escrevia bem; Henry era um homem com nuances demais para meras palavras numa folha de papel. Talvez fosse melhor assim. A observação rude de Rosa deu a Judith um motivo para romper com a família e adotar aquele estranho introvertido e inconstante.

A timidez gregária de Henry foi apenas a primeira de muitas dicotomias que Judith observou no marido com o passar dos anos. Ele tinha pavor de altura, mas tirou o brevê de piloto na adolescência. Vendia álcool, mas não bebia. Era caseiro, mas passou a maior parte da vida adulta viajando pelo Noroeste e, em seguida, pelo Meio-Oeste, na medida em que o trabalho o levava a rodar o país da mesma forma que o Exército fizera quando ele era criança. Sua vida, ao que parecia, resumia-se a obrigar-se a fazer coisas que não queria fazer. E, apesar disso, com frequência dizia a Judith que sua companhia era a única coisa de que gostava de verdade.

Quarenta anos, e tantas surpresas.

Com pesar, Judith duvidava de que o filho desse tantas surpresas à esposa. Quando Tom era criança, Henry passava três de cada quatro semanas na estrada, e seu lado paternal brotava em arroubos que não necessariamente destacavam seu lado mais compassivo. Portanto, mais tarde, Tom se tornou tudo aquilo que o pai o mostrou naqueles anos de formação: rígido, inflexível, determinado.

Porém, havia algo mais. Judith não sabia se era porque Henry via o trabalho de vendedor como um dever com sua família e não uma paixão ou porque odiava passar tanto tempo longe de casa, mas parecia que cada interação que tinha com o filho era permeada por uma tensão subjacente. *Não cometa os mesmos erros que eu cometi. Não fique preso a um trabalho que despreza. Não abra mão do que acredita para botar comida na mesa.* A única coisa positiva que recomendou ao filho foi que se casasse com uma boa mulher. Ah, se tivesse sido mais específico... Se não tivesse sido tão duro...

Por que os homens são tão severos com os filhos homens? Judith acreditava que isso acontecia porque queriam que seus filhos tivessem sucesso onde eles não tiveram. Quando Judith ficou grávida, o pensamento de ter uma filha espalhava calor pelo seu corpo, seguido por um frio cortante. Uma menina como Judith, lá fora, desafiando a mãe, desafiando o mundo. Aquilo a fazia compreender o desejo de Henry de que Tom conseguisse mais, de que fosse melhor, de que tivesse tudo o que quisesse.

Tom sem dúvida teve sucesso no trabalho, apesar de a esposa insignificante ter sido uma decepção. Toda vez que ficava frente a frente com a nora, Judith tinha vontade de dizer a ela que levantasse a cabeça, que abrisse a boca, e que, pelo amor de Deus, criasse coragem. Uma das voluntárias da igreja certa vez disse que os homens se casam com suas mães. Judith não discutiu com a mulher, mas desafiava qualquer um a achar um pingo de semelhança entre ela e a nora. Exceto pelo desejo de passar tempo com os netos, Judith jamais seria capaz de vê-la e ficar totalmente feliz.

Os netos foram o único motivo para que se mudassem para Atlanta, afinal de contas. Ela e Henry haviam abandonado a vida de aposentados no Arizona e foram para aquela cidade quente com alertas de *smog* e com gangues assassinas, a mais de três mil quilômetros de distância, só para ficarem perto das coisinhas mais mimadas e ingratas daquele lado dos Apalaches.

Judith olhou para Henry, que tamborilava os dedos no volante, murmurando uma melodia desafinada ao dirigir. Eles nunca falavam dos netos em termos que não fossem lisonjeiros, talvez porque um arroubo de honestidade pudesse revelar que, na verdade, não gostavam muito das crianças — e então fariam o quê? Viraram a vida de cabeça para baixo por duas crianças que seguiam uma dieta sem glúten, tinham horários de dormir inflexíveis e uma agenda apertada para brincar com os amigos, e apenas com “crianças com ideias afins, que compartilhassem os mesmos objetivos”.

Até onde Judith sabia, o único objetivo que seus netos tinham era de ser o centro das atenções. Ela imaginava que era impossível espirrar

sem encontrar uma criança egocêntrica e “com os mesmos objetivos”, mas, de acordo com a nora, era algo quase inexistente. Não era disso que se tratava a juventude, ser egocêntrico? E não era a função dos pais arrancar isso de você? Certamente, estava claro para todos os envolvidos que essa não era uma tarefa dos avós.

Quando o pequeno Mark derramou seu suco não pasteurizado nas calças de Henry, e Lilly comeu tantos Kisses da bolsa da avó que lhe lembrou uma sem-teto que ela vira no abrigo no mês anterior, tão louca de metanfetamina que urinou nas calças, Henry e Judith apenas sorriram — riram, até —, como se essas coisas fossem só pequenas maravilhosas esquisitices que as crianças logo abandonariam.

Esse logo estava demorando, no entanto, e agora que estavam com sete e nove anos, Judith começava a perder a esperança de que um dia seus netos se tornassem jovens educados e amáveis, sem a necessidade de constantemente interromper a conversa dos adultos e correr pela casa gritando tão alto que os animais a dois condados de distância começavam a uivar. O único consolo de Judith era que Tom os levava à igreja todo domingo. Ela, é claro, queria que os netos tivessem uma vida em Cristo, porém, o mais importante, queria que aprendessem as lições ensinadas na escola dominical. *Honra teu pai e tua mãe. E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhes vós também. Não penseis que ides desperdiçar vossa vida, largar a escola e morar com a vovó e o vovô tão cedo.*

— Ei! — gritou Henry quando o carro que vinha na pista contrária passou tão perto que sacudiu o Buick. — Jovens — resmungou, agarrando o volante com força.

Quanto mais se aproximava dos setenta, mais Henry parecia abraçar o papel de velho ranzinza. Às vezes isso era amável. Outras vezes, Judith se perguntava quanto tempo levaria para que ele brandisse o punho no ar, botando a culpa das desgraças do mundo nos “jovens”. A idade desses jovens parecia variar dos quatro aos quarenta, e a irritação aumentava exponencialmente quando Henry os via fazendo algo que ele próprio costumava fazer, mas que agora não podia mais desfrutar. Judith temia pelo dia em que tirariam o

brevê dele, algo que deveria acontecer a qualquer momento, tendo em vista que o seu último checkup com o cardiologista havia apresentado algumas irregularidades. Esse foi um dos motivos pelos quais se mudaram do Arizona, onde não havia neve para tirar com a pá ou grama para cortar.

— Parece que vai chover — disse ela. Henry esticou o pescoço para ver as nuvens. — Uma boa noite para começar o meu livro.

Os lábios dele se curvaram num sorriso. Henry dera à esposa um grosso romance histórico de presente no aniversário de casamento. Judith dera a ele um novo cooler para o campo de golfe.

Ela estreitou os olhos para fitar a estrada à frente, concluindo que precisava ir ao oftalmologista. Também não estava longe dos setenta, e sua vista parecia pior a cada dia. O anoitecer era especialmente ruim para ela, e objetos a distância tendiam a ficar borrados. Por isso, ela piscou diversas vezes até ter certeza do que via, e abriu a boca para alertar Henry apenas quando o animal estava na frente deles.

— Jude! — gritou Henry, estendendo o braço em frente ao peito dela ao mesmo tempo que dava uma guinada para a esquerda com o volante, tentando desviar da pobre criatura. Judith pensou, estranhamente, em como os filmes estão certos. Tudo desacelerou, o tempo se arrastou devagar, de modo que cada segundo parecia uma eternidade. Ela sentiu o braço forte de Henry pressionar seus seios, o cinto de segurança espremendo os ossos do quadril. Sua cabeça sacudiu, batendo na porta quando o carro rodou. O para-brisa estilhaçou quando o animal bateu no vidro; em seguida, atingiu o teto do carro e o porta-malas. Apenas quando o carro derrapou até parar, dando uma volta de 180 graus na pista, os sons voltaram para Judith: o *crack*, *pum*, *pum*, sobreposto por um grito esganiçado que ela percebeu que vinha da própria boca. Devia estar em choque, porque Henry precisou falar diversas vezes, “Judith!”, “Judith!”, antes que ela parasse de gritar.

A mão de Henry apertava seu braço, lançando pontadas de dor pelo ombro. Ela esfregou a mão do marido, dizendo “estou bem, estou bem”. Os óculos estavam tortos, a visão desfocada. Ela levou os

dedos à lateral da cabeça, sentiu algo molhado e pegajoso. Quando afastou a mão, viu sangue.

— Deve ter sido um veado, ou... — Henry levou a mão à boca, interrompendo as palavras. Ele parecia calmo, a não ser pelo revelador subir e descer do peito enquanto tentava respirar. O airbag havia sido acionado. Uma poeira branca e fina cobria seu rosto.

Ela prendeu a respiração quando olhou para a frente. O sangue manchara o para-brisa como uma chuva súbita e violenta.

Henry abriu a porta, mas não saiu do carro. Judith tirou os óculos para limpar os olhos. As duas lentes estavam quebradas, faltava a parte de baixo da bifocal direita. Ela percebeu que os vidros tremiam, e se deu conta de que o tremor vinha das próprias mãos. Henry finalmente desceu do carro, e ela se forçou a colocar os óculos e segui-lo.

A criatura estava na estrada, mexendo as pernas. A cabeça de Judith doía no local da pancada na porta. Havia sangue em seus olhos. Essa era a única explicação para o fato de o animal — sem dúvida um veado — parecer ter as pernas brancas curvilíneas de uma mulher.

— Meu Deus — sussurrou Henry. — Judith, é... é...

Judith ouviu um carro às suas costas. Pneus cantaram no asfalto. Portas se abriram e se fecharam. Dois homens se juntaram a eles na estrada, um deles correndo na direção do animal.

— Ligue para a emergência! — gritou, ajoelhando-se ao lado do corpo. Judith se aproximou um pouco, então um pouco mais. As pernas voltaram a se mexer — as pernas perfeitas de uma mulher. Ela estava completamente nua. Hematomas cobriam a parte interna das coxas — hematomas escuros. Feridas antigas. Havia manchas de sangue seco nas pernas e no tronco, além de uma laceração lateral revelando o osso branco. Judith olhou para o rosto. O nariz estava torto. Os olhos estavam inchados, os lábios, ressecados e feridos. Sangue empapava o cabelo escuro da mulher e se acumulava ao redor de sua cabeça como um halo.

Judith deu mais alguns passos, incapaz de parar — subitamente uma voyeuse, depois de uma vida inteira desviando educadamente o olhar. Vidro estalou sob seus pés, e os olhos da mulher se abriram em

pânico. Ela olhou para algum lugar além de Judith, um embotamento inerte no olhar. Suas pálpebras se fecharam de repente, mas Judith não conseguiu suprimir o tremor que percorreu seu corpo. Era como se alguém caminhasse sobre seu túmulo.

— Meu Deus — murmurou Henry, quase em oração. Judith se voltou e viu o marido apertando a mão contra o peito. Os nós dos dedos estavam brancos. Ele olhava para a mulher, parecia estar passando mal. — Como isso aconteceu? — murmurou, o horror contorcendo seu rosto. — Como isso aconteceu?